

A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

THE RELEVANCE OF AFFECTIVITY IN THE LEARNING PROCESS

Hélen Cleire Luzardo Coutinho e Costa **1**
Júlia Carolina da Costa Santos **2**

Resumo: A afetividade influencia na visão que o aluno tem escola e de todo o processo escolar, e isso interfere no seu desempenho. À partir das teorias de Piaget e Vygotsky, compreendemos que o aprendizado acontece por meio das interações, nas relações estabelecidas entre o sujeito e o meio, através de um movimento constante do aluno em direção ao suprimento de suas necessidades físicas, afetivas e intelectuais. Para esses autores, a razão (cognitivo) e a emoção (afetividade) são fatores elementares que interagem no desenvolvimento intelectual. A afetividade é como um elo que, através das relações humanas, liga o aluno ao professor, ao conhecimento e ao contexto escolar. Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica qualitativa e tem como objetivo promover maior discussão sobre a relevância da afetividade para o aprendizado à partir dos estudos de Piaget e Vygotsky.

Palavras-chave: Aprendizado. Piaget. Vygotsky.

Abstract: Affection influences the view that the student has a school and the entire school process, and this interferes with his performance. Beginning with the theories of Piaget and Vygotsky, we understand that learning occurs by means of interaction, in the relationships established between the subject and the environment, through a constant student's drive towards fulfilling his physical, affective and intellectual needs. For these authors, reason (cognitive) and emotion (affectivity) are elementary factors that interact in intellectual development. The affectivity is like a link that, through human relationships, connects the student to the teacher, knowledge and the school context. This research is a qualitative bibliography and aims to promote greater discussion about the relevance of affectivity to the learning from the studies of Piaget and Vygotsky.

Keywords: Learning. Piaget. Vygotsky.

Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Católica **1**
Dom Orione.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8748549754494394>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0519-1777>.
E-mail: helen.cleire@gmail.com

Mestre em Educação. Professora de Psicologia da Faculdade Católi- **2**
ca Dom Orione.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7199572278206702>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9098-037X>.
E-mail: juliaccsantos@gmail.com

Introdução

A aprendizagem é algo inerente ao desenvolvimento humano. Essa palavra, proveniente do latim *aprehendere*, significa pegar, agarrar. É um apropriar-se de conhecimentos necessários para a vivência em uma determinada cultura. Esse processo ocorre desde o nascimento ao longo da vida de variadas formas, nos mais diversos contextos, podendo ocorrer de forma planejada ou espontânea, em situações informais ou formais. Os desafios que ocorrem na vida de uma pessoa a impulsionam a aprender e se adaptar, incorporando novas aprendizagens às que já possuía, modificando assim sua percepção, suas ideias, seus sentimentos e seu comportamento (NUNES; SILVEIRA, 2011).

O processo de aprendizado ocorre através da interação da pessoa com o meio, no convívio com o outro, num movimento constante de busca para suprir necessidades de âmbito intelectual, afetivo ou fisiológico. E nesse processo, a escola se mostra como uma instituição social muito importante pois nela o aluno vai se apropriando de modelos e valores e assim aumentando sua autonomia e pertencimento ao grupo social. Outro fator importante para o aprendizado é a motivação, pois a partir dela nasce o interesse, a necessidade de saber, a vontade de alcançar determinadas metas, além de sustentar e dirigir o comportamento na busca do aprendizado. Porém, essa relação entre motivação e aprendizado sofre a interferência de elementos como família, condições sociais, econômicas e culturais, políticas educacionais e escola (BOCK, 2008; NUNES; SILVEIRA, 2011).

Para Nunes e Silveira (2011), o papel do professor tem fundamental importância na aprendizagem, tanto no sentido de criar um ambiente motivador, propício ao aprendizado, quanto no sentido de ser ele mesmo um exemplo, um modelo para o aluno. E nesse contexto, de ser um mediador e facilitador de aprendizagens, a afetividade se constitui um fator importante na relação, pois pode influenciar no comportamento do aluno levando-o a acatar ou não as orientações do professor, predispondo-o ou não à disciplina, motivando-o ou não na sua busca pelo saber.

Estudar sobre a afetividade e sua relevância para a aprendizagem se mostra importante pois a discussão desse tema estimula a reflexão nos campos da Psicologia e da Educação, favorecendo os profissionais dessa área, reconhecendo que o aprendizado realiza-se através das relações humanas e atentando para a importância social, cultural e política da escola na formação do aluno e de forma mais abrangente da sociedade.

O objetivo deste estudo é investigar, por meio de uma revisão de literatura, a importância da afetividade para o aprendizado no processo de escolarização, tendo como enfoque principal a psicologia Histórico-Cultural de Lev Semenovitch Vygotsky e a Epistemologia Genética de Jean Piaget, elencando suas possíveis diferenças e similaridades.

Metodologia

A pesquisa realizada caracteriza-se como bibliográfica qualitativa, pois foi realizada a partir de referências teóricas já analisadas e publicadas, tais como livros, teses, dissertações e artigos científicos.

À partir de uma busca na plataforma de teses e dissertações CAPES utilizando os descritores “Piaget”, “afetividade”, “aprendizagem” e “processo de escolarização”, com uso de filtros relacionados ao período (2016 à 2019) e área do conhecimento (Psicologia do Ensino e da Aprendizagem), foram apresentados 84 resultados.

Foi realizada a leitura dos títulos dos trabalhos obtidos e identificadas muitas teses e dissertações não relacionadas ao tema proposto nesta pesquisa (aprendizagem, afetividade), as quais foram excluídas. Em seguida, foi elaborado um critério de inclusão (o trabalho deveria estar relacionado ao aprendizado de crianças em idade escolar, ou ao processo escolar) e um critério de exclusão (o trabalho não seria analisado se tivesse como foco o aprendizado de crianças com necessidades especiais). Com base nesses critérios foi feita a seleção.

Além das teses e dissertações selecionadas, foram analisados alguns livros de psicologia da aprendizagem e livros sobre as teorias de Vigotski e Piaget, com foco no tema afetividade e sua importância para a aprendizagem. De posse de todo esse material, foi feita a leitura e a elaboração do artigo.

Resultados e Discussões

No campo da Psicologia Escolar, a afetividade é um termo muito estudado. Ela influencia na visão e interpretação que uma pessoa tem de uma determinada situação e de outras pessoas. Logo, a afetividade interfere na elaboração da imagem que o aluno tem do professor, na visão que ele tem do ambiente escolar, de determinada disciplina e de determinado assunto, influenciando no seu comportamento de interesse ou desinteresse pela busca do saber. O comportamento do professor na prática pedagógica pode estimular ou desestimular o processo de aprendizagem. Emoções e sentimentos são elementos inerentes ao contexto escolar, não sendo possível separar a afetividade da cognição (GAZZOTTI, 2019; PORTO; SANTOS; CRUZ, 2018).

Partindo do pressuposto que os sujeitos se constituem como seres sociais-cognitivos-motores-afetivos da e nas relações que estabelecem com o mundo e com os outros sujeitos, o afeto não é um elemento que pode ou não estar presente nas relações escolares, ele as constitui. Dessa forma, as relações de afeto que emergem no contexto escolar podem potencializar ou enfraquecer o processo de ensino-aprendizagem, dentre outras possibilidades (GAZZOTTI, 2019, p.100).

A afetividade conecta o aluno ao conhecimento, ao professor e ao contexto escolar. Este, é um espaço muito importante pois pode influenciar positivamente ou negativamente na aprendizagem do aluno, que para aprender, precisa se sentir seguro e acolhido, além de estimulado para enfrentar novos desafios. Ao atender essas necessidades o professor instaura o vínculo afetivo com ele, e contribui na contínua formação de sua personalidade. Esse vínculo é muito importante, pois o professor é um mediador do aluno com o mundo, com outras pessoas e com o conhecimento. E a relação do aluno com o objeto de conhecimento está associada ao vínculo afetivo estabelecido com o seu professor (GAZZOTTI, 2019).

O olhar do professor para o aluno, levando em conta seus aspectos emocionais, sociais e cognitivos, contribui na relação deles, no vínculo afetivo que pode fortalecer sua autoestima, autoconfiança, e proporcionar uma maior participação nas atividades propostas, transformando a relação do aluno com o conhecimento e com outros sujeitos, contribuindo assim no processo de aprendizado (GAZZOTTI, 2019).

No entanto, apesar do desempenho do aluno estar relacionado aos vínculos afetivos estabelecidos no contexto escolar, e da importância do professor como mediador entre o aluno e o conhecimento, o educador não pode ser responsabilizado pelo sucesso ou fracasso do seu aluno. Mesmo que seu papel de mediador seja essencial, podendo influenciar na realidade dos alunos, ele é apenas um fator, dentre outros, que contribui nesse processo (GAZZOTTI, 2019).

A Afetividade na Epistemologia Genética de Piaget

Jean Piaget (1896 - 1980) foi um psicólogo e também biólogo suíço que pesquisou sobre a gênese das funções psíquicas e seu desenvolvimento, ou seja, como passar de um nível psicológico mais simples para um mais complexo, os processos cognitivos-afetivos envolvidos e o comportamento que reflete esses processos.

Sua formação em biologia contribuiu para que desse atenção especial aos aspectos orgânicos envolvidos na aprendizagem, além de fatores sociais e psicológicos. Ele foi contrário ao pensamento de sua época, na qual predominava o pensamento que os estímulos do meio eram o fator mais importante para o aprendizado. Para Piaget, para que ocorra o desenvolvimento e aquisição de conhecimento precisa haver primeiro uma estrutura biológica saudável. O aprendizado ficará prejudicado se houverem estímulos do meio, mas o cérebro não estiver saudável, ou então, da mesma forma, se a estrutura biológica estiver saudável, mas não houverem estímulos externos. Logo, para que o desenvolvimento aconteça, é necessária uma matu-

ração orgânica somada a estímulos do ambiente (PAPALIA; FELDMAN, 2013; NUNES; SILVEIRA, 2011; NUNES, 2007).

A teoria de Piaget é chamada Epistemologia Genética, e para sua investigação ele utilizou o método clínico, no qual ele observava o comportamento das crianças e lhes fazia perguntas flexíveis. Seu estudo rigoroso sobre o aprendizado (a construção do conhecimento) detalhou características do pensamento, fala e atitudes das crianças, oferecendo um referencial aproximado sobre as habilidades e competências previstas para cada faixa etária. Isso contribuiu muito com pais e professores na compreensão da criança e na elaboração de currículos adequados aos diferentes níveis de desenvolvimento.

Uma contribuição central de Piaget à área educacional diz respeito à ideia de que o ser humano constrói ativamente seu conhecimento acerca da realidade externa e de que as interações entre os sujeitos são um fator primordial para o seu desenvolvimento intelectual e afetivo. Transpondo esta afirmação para uma situação educacional, significa dizer que existe uma ênfase no aluno, em suas ações, seus modos de raciocínio, de como interpreta e soluciona situações-problema. Esta ideia o posiciona num lugar de ativo em seu processo de aprendizagem. Ao mesmo tempo, dada a ênfase nas interações, nos intercâmbios entre os sujeitos, o professor, assim como os próprios companheiros de classe são peças fundamentais para a construção do conhecimento (NUNES; SILVEIRA, 2011, p.41).

Piaget acreditava que o desenvolvimento intelectual e afetivo só poderiam ser alcançados através da interação do indivíduo com o ambiente, num intercâmbio contínuo entre sujeito e meio. Para ele a evolução da consciência intelectual, bem como da consciência moral se dão através de uma relação íntima com o meio, devido ao movimento contínuo do sujeito à procura de explicações para compreender o que acontece ao seu redor. E essa busca é promovida por alguma necessidade intelectual, afetiva ou fisiológica (NUNES; SILVEIRA, 2011).

Para Piaget, o desenvolvimento cognitivo inicia com uma aptidão inata de se adaptar ao ambiente, mas se desenvolve através de três processos inter-relacionados: a organização, a adaptação e a equilíbrio. A organização é a tendência de criar categorias. Segundo ele, estruturas cognitivas mais complexas chamadas de esquemas são criadas, a fim de organizar as informações sobre o mundo que controlarão o modo como a criança pensa e se comporta em determinada situação. A adaptação, se dá por meio de dois processos complementares, a assimilação (o ato de absorver a nova informação e incorporá-la às estruturas cognitivas existentes) e a acomodação (que é o ajuste das informações já existentes com a nova). A equilíbrio se refere ao equilíbrio (estado motivacional confortável) obtido quando se instaura a passagem da assimilação para a acomodação (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Aprender é adaptar as informações que chegam pelo sistema sensorial às estruturas cognitivas formadas, através de processos conhecidos por assimilação, que é a absorção de novas informações com as mesmas características de outras informações antigas presentes nas estruturas já existentes; e acomodação, que é a modificação das estruturas antigas para poder assimilar a nova informação que não se assemelha às informações já existentes (NUNES, 2007, 123).

O desenvolvimento cognitivo para Piaget, se dá em quatro estágios universais qualitativamente diferentes. Cada um deles se manifesta à partir de um momento de desequilíbrio, que instiga a criança a se adaptar à partir do aprendizado de uma nova maneira de pensar, e não devem ser considerados momentos etários rígidos, mas sim aproximados. “Ao trazer uma lógica interacionista de desenvolvimento, Piaget nos põe diante de características cognitivo-afetivas e de socialização que dependem de uma construção e não de uma programação biológica previsível” (NUNES; SILVEIRA, 2011, p.39).

O estágio Sensorio-motor (até 2 anos) é definido à princípio por coordenações sensoriais e motoras de fundo hereditário, tais como reflexos e necessidades nutricionais. Depois

verifica-se a organização de percepções e hábitos e por fim é possível notar a utilização de percepções e movimentos que aos poucos vão se tornando intencionais. Pouco a pouco a criança vai percebendo que, mesmo fora do seu campo de visão, os objetos continuam a existir.

No estágio pré-operatório (2 a 7 anos) surge a linguagem oral. O pensamento, a linguagem e os modos de interação da criança nessa fase são egocêntricos, isto é, voltados para seus próprios pontos de vista. Seu raciocínio depende do que percebe de imediato, não ocorrendo operações mentais reversíveis.

Embora o pensamento ainda esteja preso à realidade concreta, ele se torna mais compatível com a lógica da realidade no estágio Operatório-concreto (7 a 11 anos). Aos poucos a criança aprende noções lógico-matemáticas e os pensamentos passam a ser reversíveis. O egocentrismo inicial abre espaço para uma moral de cooperação e respeito mútuo.

No estágio Operatório-formal (a partir dos 11 anos) a criança começa a construir sua autonomia, e avança consideravelmente nos processos de socialização. Surge o pensamento hipotético-dedutivo e a capacidade de abstração.

Em cada estágio aparecem novas estruturas mentais que apesar de distintas estão inter-relacionadas com as que a criança já tinha. Em outras palavras, para cada novo conhecimento adquirido, ocorre uma reorganização das estruturas mentais que já existiam, envolvendo uma nova interpretação e reconstrução da realidade, na busca constante de um estado de equilíbrio.

Segundo Garbarino (2017), Piaget considerou a afetividade uma dimensão essencial para o desenvolvimento psicológico. Ele postulou sobre a relação envolvida no desenvolvimento cognitivo e afetivo, indo além da dicotomia afetividade-inteligência e declarou que a relação entre cognição e afetividade não são de complementaridade ou causalidade, mas sim que ambas as dimensões são dinâmicas e inseparáveis em seu desempenho. Enquanto o cognitivo é estruturante, a afetividade é motivacional. Seu conceito de autovalorização é o que mais se aproxima das questões intrapsíquicas da afetividade.

Para Piaget, a autovalorização é um sentimento de inferioridade ou superioridade com base no valor que o sujeito tem de si. Esse sentimento influencia todo o desenvolvimento e pode ser baseado na opinião dos outros, pode ser consolidado pela coação de outra pessoa, ou pelas fantasias e pela assimilação deformante. Na relação professor-aluno, o vínculo afetivo é baseado no esquema de simpatia. Esse sentimento se estrutura na mutualidade, devido à carência de reconhecimento afetivo. Segundo o autor, a afetividade pode acelerar ou atrasar o aprendizado. Sentimentos de êxito e de sucesso facilitam o aprendizado, enquanto que sentimentos de fracasso podem atrasar ou impedir. Esse é um postulado básico que aborda a relação afetividade-inteligência. À partir disso, ele reconhece que existem “bloqueios afetivos” ou “sentimento de inferioridade” (GARBARINO, 2017).

A teoria de Piaget contempla a ação moral, que segundo o autor é onde acontecem a maioria dos confrontos entre afetividade e razão. Para ele a moral é composta por um conjunto de regras e sua essência está no respeito que uma pessoa tem por essas regras. O desenvolvimento moral da criança acontece através da aprendizagem dos muitos deveres que os pais e adultos em geral impõem a elas (LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2019).

Piaget entende que o indivíduo participa ativamente do seu desenvolvimento moral e intelectual, e defende sua autonomia diante da sociedade. Ele vê a moral como um fato social e a sociedade é vista como uma série de relações de coação ou cooperação entre pessoas, sendo que o dever provém da coação e a cooperação dá origem ao bem. Um exemplo de relação de coação é a família, pois o respeito advém da imposição das regras pelos pais. Mas além da coação, existe também uma afeição natural e verdadeira que faz com que a criança manifeste seu carinho e generosidade de forma espontânea. Para Piaget, as relações de coação atrapalham o desenvolvimento intelectual. Elas favorecem o egocentrismo dificultando as relações de reciprocidade, e impedem a construção de estruturas mentais operatórias necessárias à sua conquista. As relações de colaboração favorecem o respeito mútuo e a autonomia (LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2019).

Piaget considera que a educação moral acontece a todo momento na relação da criança com o meio social e não apenas quando há imposição da autoridade e apresentação de mode-

los explícitos. Para ele, o respeito moral não está embasado em sentimentos de amor e medo e para se adquirir uma consciência autônoma se faz necessário superar a moral do puro dever. A coerção é necessária no início da educação moral, porém não deve ser o único tipo de relação para não enclausurar a criança.

Piaget percebeu que o que leva o sujeito a respeitar as regras morais, substituindo o respeito unilateral pelo respeito mútuo quando sentimentos de amor e medo desaparecem é o “sentimento” da necessidade (produto da razão). Para ele, o sujeito autônomo e consciente de que o respeito mútuo é algo bom não é um sujeito reprimido e sim um sujeito feliz, pois sua razão produz liberdade, e sua afetividade exerce naturalmente suas regras. Logo, afeto e moral se relacionam de forma harmônica (LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2019).

A Afetividade na Teoria Histórico Cultural de Vygotsky

Lev Semenovich Vygotsky (1896 - 1934), russo muito influenciado pelo materialismo dialético de Karl Marx, se dedicou à psicologia desenvolvendo trabalhos na área de aprendizagem escolar, infância e educação especial. Para ele, o aspecto histórico e cultural exerce grande influência no desenvolvimento e no comportamento humano. A cultura se refere ao acúmulo de conhecimentos e é produzido historicamente através das relações sociais. Vygotsky foi um dos precursores em associar as particularidades do sistema psicológico à suposição de que a formação da consciência humana é influenciada pela vida material (GAZZOTTI, 2019).

Sua teoria, chamada histórico-cultural, apresenta as relações sociais como agente predominante no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Ela contribui de forma significativa com a educação e a testagem cognitiva. Seus estudos ampliaram a compreensão do pensamento enquanto função cerebral e valorizou o processo de apropriação da cultura que se inicia na infância. Temas como a relação entre pensamento e linguagem, a mediação cultural no processo de construção de significados, o processo de internalização e a função da escola na transmissão de conhecimentos emergem para a discussão à partir de seus estudos (PIOVESAN, 2018).

Vygotsky estudou o desenvolvimento humano à partir da origem do psiquismo. Para ele o desenvolvimento acontece desde o começo da vida, à partir de um processo de apropriação dos significados culturais. Essa apropriação permite ao sujeito “ascender a uma condição eminentemente humana, de ser de linguagem, consciência e atividade, transformando-se de biológico em sócio-histórico” (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 44). Ele criticava estudos que investigavam o desenvolvimento humano pelo método de introspecção ou que aceitassem o psiquismo como vários elementos isolados, que pudessem isoladamente ser observados, medidos e controlados (NUNES; SILVEIRA, 2011).

Para Vygotsky, a aprendizagem de conceitos pode ocorrer de forma espontânea, no contexto diário da criança em seu ambiente, no convívio com outras pessoas, ou de forma científica, que acontece por meio do ensino, como o que acontece no processo de alfabetização, por exemplo. Portanto, o processo escolar se caracteriza como primordial no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Para ele, “a situação de ensino desperta e guia processos internos no desenvolvimento intelectual da criança, devendo voltar-se para as funções psicológicas ainda em formação, constituição” (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 47).

Segundo Vygotsky, ao longo do desenvolvimento existem dois aspectos qualitativamente diferentes, que são as **Funções Psicológicas Elementares** e as **Funções Psicológicas Superiores**.

As funções psicológicas elementares, tais como memória imediata, atenção não voluntária e percepção natural, etc., tem origem biológica. Elas são importantes na preservação da vida de uma pessoa. Já as funções psicológicas superiores se desenvolvem em decorrência do desenvolvimento cultural. À partir do seu desenvolvimento, a pessoa é capaz de superar os estímulos do meio, podendo inclusive interferir indefinidamente nesses estímulos e respostas.

Segundo Nunes (2007), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores implica o uso de recursos externos, construídos socialmente e desenvolvidos pela cultura denominados instrumentos psicológicos, para facilitar ou efetivar uma tarefa ou o processo de aprendizagem. Através da relação entre o meio externo e o interno, ocorrem mudanças na maneira de

ver e agir no mundo, ou seja, há uma mudança interna, que muda a forma de agir no mundo (mudança externa), em outras palavras, ocorre uma interiorização. Essa interiorização não deve ser vista como uma simples aquisição e memorização de informação, mas sim como um processo de construção da consciência, um entendimento que modifica a visão do indivíduo a respeito de algo.

O desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores só acontece por meio da Mediação Social, que é a utilização de instrumentos psicológicos por duas ou mais pessoas num processo de interação. Com isto, cria-se um sistema externo e social de memória, atenção, comunicação, consciência etc., que, ao ser dominada, passa a ser interiorizada, modificando, assim, os conteúdos já existentes na cognição da pessoa e, por consequência, a forma de ver e agir no mundo (NUNES, 2007, p. 99).

Para Gazzotti (2019), a apropriação de conhecimentos que possibilitam o desenvolvimento do sujeito se dá através da compreensão e utilização de signos culturais, num processo de internalização de mecanismos da cultura chamado “constituição social do indivíduo”. Nesse processo, a subjetividade é formada por meio das relações sociais que acabam por gerar transformações biológicas, entendendo-se que ambos, elementos culturais e processos biológicos a desenvolvem. Como exemplos de signos culturais temos a linguagem, que para Vygotsky tem uma função primordial na mediação social e na formação da consciência humana, a escrita, os símbolos algébricos, os diagramas, desenhos, mapas e etc.

À partir do entendimento que aprendizado e desenvolvimento ocorrem como um processo colaborativo, por meio da interação social, Vygotsky criou o termo “zona de desenvolvimento proximal” (ZDP), que usou para demonstrar a diferença entre o desenvolvimento que a criança já possui e o desenvolvimento que ela precisa construir. Em outras palavras, é a diferença entre o que a criança já consegue fazer sozinha (zona de desenvolvimento real) e o que ela consegue fazer com ajuda. Essa zona de desenvolvimento proximal está sempre em transformação, pois quando a criança começa a fazer uma tarefa com auxílio de alguém mais experiente, logo ela vai adquirindo habilidades que possibilitam que ela execute essa tarefa sozinha. Segundo Vygotsky, “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã - ou seja aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (GAZZOTTI, 2019, p. 111). Entendemos então que com a ajuda de outros é possível aprender melhor e mais rápido do que se aprenderia sozinho.

A aprendizagem para Vygotsky, “é um processo de apropriação de conhecimentos, habilidades, signos, valores, que engloba o intercâmbio ativo do sujeito com o mundo cultural onde se está inserido” (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 46). Esse conceito reflete na função social da escola, que deve ser visto como um lugar de transformação social, onde a interação das pessoas contribui para a formação política e social de cada um, fazendo sua história de forma individual e coletiva. Um lugar desprovido de exclusão e desigualdade, no qual o aluno é visto como um sujeito cheio de possibilidades, ou seja, na sua dimensão potencial (NUNES; SILVEIRA, 2011).

Segundo Gazzotti (2019), Vygotsky também valorizou a afetividade como um fator fundamental na formação psicológica dos sujeitos. Ela possibilita diferentes interpretações de uma realidade. É por causa das emoções (afetividade) que duas pessoas passam por uma mesma situação, e podem interpretar, compreender, experimentar ou viver essa situação de maneiras diferentes. Para o autor, não podemos compreender emoção e pensamento isoladamente.

A emoção é um instrumento mediador psicológico que auxilia no desenvolvimento de outras funções psicológicas, da mesma maneira que a linguagem serve de base para

o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (GAZZOTTI, 2019, p. 112).

Gazzotti (2019) relata que Vygotsky considera as experiências emocionais uma unidade dinâmica e constitutiva da consciência. Elas carregam em si características individuais (a maneira que o sujeito vivencia uma determinada situação) e características situacionais (a representação do ambiente). A maneira que o sujeito interpreta e vivencia a realidade leva à formação de sua personalidade e possibilitam analisar a influência do meio no desenvolvimento psicológico das crianças. Para ele:

O desenvolvimento é possibilitado a partir de um processo dinâmico composto por processos sócio-afetivos-cognitivos e fatores subjetivos e contextuais (ambientais), por meio de relações dialéticas e transformativas que são mediadas pela linguagem e a afetividade, ambas constitutivas e mediadoras das relações e da mente humana, simultaneamente (GAZZOTTI, 2019, p.115).

Segundo Rego (1995), o conhecimento mais detalhado do pensamento de Vygotsky é prejudicado pela dificuldade de acesso a todos os seus trabalhos, o que pode nos remeter ao pensamento errôneo que seu estudo tenha sido direcionado de forma exclusiva ao intelecto do sujeito. Para ela, esse pensamento seria uma injustiça com o autor que em tão poucos anos de atividade procurou intensamente superar a tendência da psicologia de sua época de comparar e investigar separadamente afeto e cognição. Em Vygotsky afeto e intelecto não se separam, pois ele procura compreender o indivíduo como uma totalidade. Ela afirma sobre Vygotsky:

São os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento e este, por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo-volitivo. Como é possível observar, na sua perspectiva, cognição e afeto não se encontram dissociadas no ser humano, pelo contrário, se inter-relacionam e exercem influências recíprocas ao longo de toda a história do desenvolvimento do indivíduo. Apesar de diferentes, formam uma unidade no processo dinâmico do desenvolvimento psíquico, portanto é impossível compreendê-los separadamente. É justamente por isso que aponta para a necessidade de uma abordagem unificadora dos aspectos intelectuais e afetivos no estudo do funcionamento psicológico (REGO, 1995, p.122).

Piaget e Vygotsky desenvolveram teorias sobre a origem e desenvolvimento das funções psíquicas (Teorias Psicogenéticas) que contribuem de forma significativa com a prática educacional, entrelaçando conhecimentos da educação e da psicologia. Cada um dos autores foi influenciado pelo contexto histórico que viveu, o que implicou em particularidades conceituais e epistemológicas. Ao estudar sobre o desenvolvimento humano, a aprendizagem, e a educação, investigaram a origem do psiquismo e discutiram a relação do sujeito com o meio (NUNES; SILVEIRA, 2011).

As teorias de Piaget e Vygotsky se diferem, pois para Piaget o desenvolvimento psicológico aceita a construção da subjetividade à partir de um processo basicamente histórico e determinante, que é a da dialética apropriação-objetivação. Para Vygotsky, a cultura não só interfere nesse processo como também o determina. Porém, para ambos os autores a afeti-

vidade apresenta grande importância no desenvolvimento psicológico do sujeito, tendo em consideração que as emoções (afetividade) tem muita influência nas interações. Para eles o cognitivo e o afetivo são elementos paralelos que interagem no desenvolvimento intelectual. Por esse motivo se faz importante o cuidado com a afetividade no processo escolar de aprendizagem (SCHWEDE, 2016).

Considerações Finais

Essa pesquisa mostrou que a cognição e a afetividade são fatores diferentes que atuam em conjunto, complementando-se e contribuindo no desenvolvimento do aluno através do aprendizado dos diversos saberes necessários para sua existência. No ambiente escolar todo o conhecimento adquirido, não apenas os conteúdos programáticos mas também regras morais e sociais, são assimilados através do desenvolvimento do intelecto (memória, atenção, linguagem, etc) e permeados pelas emoções e sentimentos (afetividade).

Problemas sociais (fome, violência doméstica, abandono, etc) são fatores que atrapalham o aprendizado do aluno, mas não são determinantes. Ainda que ele não consiga obter um desempenho tão bom quanto ao de crianças que não enfrentam esses problemas, o afeto intrínseco em relação ao ambiente escolar poderá ser um fator que o motive a perseverar. É possível supor que quando o aluno reconhece o ambiente escolar como um local acolhedor e seguro, e nesse meio ele se relaciona com os colegas e professores de maneira harmoniosa, ele tem satisfação em pertencer aquele grupo e procura se comportar de forma que o mantenha pertencendo à essa comunidade.

É através da interação com colegas, professores e conteúdos escolares que o aluno vai se apropriando do conhecimento e se desenvolvendo de forma geral. Mas para que essas interações aconteçam efetivamente os afetos envolvidos nessas relações precisam ser positivos. Medo, raiva e ansiedade atrapalham as interações e conseqüentemente interferem no aprendizado. Como vimos anteriormente, a afetividade pode acelerar ou atrasar o aprendizado.

A partir da análise das teorias de Piaget e Vygotsky sobre a aprendizagem é possível refletir sobre o valor que se tem dado aos aspectos afetivos no ambiente escolar a despeito do conhecimento cognitivo. Não apenas nas relações entre as pessoas, mas também na relação do aluno com o conteúdo programático. Entendemos com esse estudo que a motivação do aluno para o aprendizado provém de necessidades físicas, afetivas e intelectuais. Sem essa motivação a informação não faz sentido para ele. Além disso, a maneira que esse conteúdo é trabalhado pode favorecer ou não a sua assimilação.

Neste trabalho optamos por investigar a relevância da afetividade para a aprendizagem enfocando os estudos de Piaget e Vygotsky, contribuindo para uma maior reflexão deste tema na Psicologia e Educação. Reconhecemos a existência de várias questões relacionadas à afetividade que não foram abordadas por não fazer parte desse enfoque, e que ficaram em aberto para pesquisas posteriores, tais como a relação da afetividade e aprendizado sob o viés da psicanálise, da neurociência, e a afetividade nos estudos de Wallon (forte influência nesse assunto).

Referências

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. A Escola. In: **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

GARBARINO, M. I. **Construção do prazer de pensar e desenvolvimento: um estudo teórico-clínico com crianças em dificuldade escolar**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.47.2017.tde-24072017-181914.

GAZZOTTI, D. **Afetividade, emoção e vínculo nas relações escolares: uma perspectiva histórico-cultural**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.47.2019.

tde-13062019-102911.

LA TAILLE, Y. OLIVEIRA, M. K. DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon - teorias psicogenéticas em discussão.** edição kindle, 2019. São Paulo: Summus.

NUNES, A. I. B. L; SILVEIRA, R. N. **Psicologia da aprendizagem.** 2. ed. Brasília: Liberlivro, 2011.

NUNES, A. L. V. **Introdução à Psicologia da Aprendizagem.** São Cristóvão, SE. 2007.

PAPALIA, D. E. FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano.** 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PIOVESAN, J. et al. **Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem.** 1.ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.1.

PORTO, C. M; SANTOS, F. M. F.; CRUZ, M. A. **Uma revisão bibliográfica da relação entre professor e aluno no ensino superior sob a ótica da afetividade.** Atos de Pesquisa em Educação (FURB), v. 13, p. 194-211, 2018.

REGO, T. C. **Vygotsky - uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHWEDE, G. **A atuação do psicólogo escolar: concepções teóricas, práticas profissionais e desafios.** 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.47.2016.tde-19072016-104148.

Recebido em 28 de outubro de 2020.

Aceito em 18 de agosto de 2021.